

## OS JOVENS E A WEB 2.0: UMA CONEXÃO OU UM MITO?

**Joana Viana**

*Instituto de Educação*

*jviana@ie.ul.pt*

### **Resumo**

A participação nas comunidades Web 2.0 tem criado oportunidades de aprendizagem, constituindo uma das razões pelas quais as tecnologias sociais online tanto têm entusiasmado a comunidade da educação. Nesta linha, muitos dos argumentos a favor da Web 2.0 baseiam-se na “crença ideológica na desescolarização da sociedade na era do digital” (Selwyn, 2011). Contudo, estudos empíricos recentes sobre a utilização da Web 2.0 por parte de aprendentes jovens sugerem uma clara falta de atividades de aprendizagem participativa e colaborativa. Não há evidências sobre a publicação ou atividades de divulgação fora dos sites de *networking* social e de que as gerações atuais de aprendentes estejam inerentemente sintonizadas com as tecnologias e as atividades da Web 2.0, como alguns autores nos querem fazer crer. Neste contexto, apresentam-se dados sobre a utilização das tecnologias digitais online e em rede por estudantes universitários, as suas práticas e conhecimentos no domínio da utilização de *software* social, que vêm sublinhar os resultados dos estudos empíricos referidos. A utilização de tecnologias sociais online e em rede pelos estudantes inquiridos parece ser fracamente diversificada e realizada de modo passivo, sendo o Youtube e as redes sociais as aplicações de *software* social usadas pela maioria dos estudantes.

Palavras-chave: Web 2.0, software social, redes sociais, estudantes universitários

### **Abstract**

Participation in communities Web 2.0 has created learning opportunities and is one of the reasons why online social technologies have so excited the education's community. On this line, many of the arguments in support of Web 2.0 are based on "ideological belief in unschooling society in the Digital Age" (Selwyn, 2011).

However, recent empirical studies about the use of Web 2.0 by young learners suggest a lack of participatory and collaborative learning activities. There is no evidence about the publication or dissemination activities outside of social networking sites and the current generation of learners is attuned to the technologies and Web 2.0 activities, as some authors would have you believe.

In this context, we present data on the use of digital technologies and online networking for higher education students, their practices and knowledge in the use of social software, which have emphasized the results of these empirical studies. The use of online technologies and social networking by students surveyed seem to be poorly diversified and performed passively, with Youtube and social networks are the social software applications used by most students.

Keywords: Web 2.0, social software, social network, higher education students.

## 1. INTRODUÇÃO

A Internet, com os ambientes online que a integram, tem assumido uma cada vez maior preponderância nas ações do dia-a-dia da população em geral, a todos os níveis e domínios da sociedade. Com a disseminação de diversas tecnologias, serviços, ferramentas ou comunidades online torna-se cada vez mais fácil, simples e rápido aceder à informação e adquirir conhecimentos, comunicar e produzir conteúdos (Viana, 2009).

A recente “socialização em massa’ da conectividade online baseada em ações coletivas de comunidades de utilizadores e não de indivíduos” (Selwyn, 2011: 35) tem alterado inquestionavelmente o carácter de utilização da Internet. Os serviços online, baseados em conteúdos digitais, partilhados abertamente e cuja autoria, críticas e reconfiguração pertencem a uma massa de utilizadores integram-se na noção de Web 2.0 propagandeada atualmente.

A evolução e o êxito crescente das aplicações designadas por *software* social, “*software that supports group interaction*” (Shirky, 2003 in Mota, 2009) e dos ambientes de aprendizagem personalizada (*Personal Learning Environment’s – PLE’s*) vieram alterar e questionar a forma como se aprende com a Internet (Schaffert & Hilzensauer, 2008). Aprender usando a Web 2.0 implica recorrer a ferramentas que se associam à facilidade de criação de conteúdos e da sua disponibilização online.

Vemos esbaterem-se as fronteiras entre o que aprendemos em contextos formais e em contextos informais, entre a nossa vida pessoal e a profissional, entre sermos estudantes e sermos indivíduos que aprendem, sempre, ao longo da vida. O conceito de estudo foi alterado para em qualquer lugar, em qualquer altura, com a possibilidade de optar por vários dispositivos para levar a cabo uma aprendizagem: desde o computador, o telemóvel, o mp3, o *tablet*, entre outros (Bartolomé, 2008).

As redes sociais *LinkedIn* e *Facebook*, o *Youtube*, os blogs e os espaços de partilha de documentos têm um enorme impacto sobre o que fazemos, como aprendemos e como adquirimos novos conhecimentos (Kirah, 2008).

Torna-se fundamental perceber de que modo a escola e os processos educativos podem adaptar-se às atividades emergentes das camadas mais jovens, bem como identificar o “capital digital” (Marchant, 2007 in Luckin et al, 2008) que se obtém das

participações online e os novos tipos de atividades de construção de conhecimento que estão a emergir do uso de tecnologias de *software* social.

Os alunos usam as suas próprias ferramentas e tecnologias, criando as suas comunidades e redes, em função das suas necessidades, independentemente dos objetivos e metas dos governos, ou dos seus professores.

Em geral, os mais jovens demonstram uma atitude contraditória em relação à Internet, assumindo posturas e comportamentos distintos: desde utilizarem demasiado os sites de *social networking*, não utilizarem ou não saberem como usar, a preferirem falar com pessoas cara-a-cara.

Contudo, a participação nas comunidades Web 2.0 tem criado oportunidades de aprendizagem informal, cada vez mais valorizadas, constituindo uma das razões pelas quais as tecnologias sociais online tanto têm entusiasmado a comunidade da educação. É nesse contexto que os educadores tendem a elogiar a autonomia dos indivíduos na sua aprendizagem através das ferramentas da Web 2.0.

Nesta linha, muitos dos argumentos a favor da Web 2.0 baseiam-se na “crença ideológica na desescolarização da sociedade na era do digital” (Selwyn, 2011). A escola parece ser incapaz de lidar com os desafios colocados pelas tecnologias sociais da Web 2.0, por uma série de razões de ordem estrutural, incluindo a contínua confiança em pedagogias de transmissão e em relações do tipo hierárquicas lineares, para facilitarem a aprendizagem e o acesso ao conhecimento (Selwyn, 2011).

De acordo com os dados apresentados no estudo realizado no âmbito do projeto “New Millennium Learners” da OCDE (2008), a investigação empírica indica que existe uma certa “euforia” relacionada com a Web 2.0 e com o seu possível potencial educativo, apesar de se saber muito pouco sobre os seus efeitos.

Estudos empíricos recentes sobre a utilização da Web 2.0 por parte de aprendentes jovens em ambientes formais e informais, na Noruega (Brandtzaeg, 2008), no Reino Unido e Austrália (Chan e McLoughlin, 2008; Kennedy et al., 2008; Nicholas *et al.*, 2008; Luckin *et al.*, 2009) e nos EUA (Caruso e Salaway, 2008) sugerem uma clara falta de atividades de aprendizagem participativa e colaborativa (Selwyn, 2011). Há pouca evidência sobre a realização de pesquisa crítica ou consciência analítica, de construção

de conhecimento colaborativo e pouca publicação ou atividades de divulgação fora dos sites de *networking* social (Luckin et al., 2009 in Selwyn, 2001: 44).

É com o propósito de contribuir, ainda que modestamente, para a caracterização da utilização pelos jovens das tecnologias sociais, enquadradas no conceito de Web 2.0, que se apresentam os seguintes dados.

## 2. O ESTUDO

Com a finalidade de recolher dados sobre as tecnologias sociais online e em rede usadas por estudantes universitários, as suas práticas e conhecimentos no domínio da utilização de *software* social, foram inquiridos, no âmbito da unidade curricular (UC) Tecnologias Educativas, os alunos do 2º ano da licenciatura em Ciências da Educação, do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.

Para a recolha de dados, foi usado um questionário online, criado através da aplicação Survs (<http://www.survs.com>), na qual os alunos tinham de assinalar, numa lista pré-definida, quais as tecnologias sociais que: i) conhecem; ii) costumam utilizar; iii) estão registados ou têm um perfil criado; iv) já utilizaram em contextos e com objetivos educativos, e v) as tecnologias sociais que, na sua opinião, possuem maior potencial pedagógico.

O inquérito foi realizado em diferentes turmas da UC, nos anos 2009 (N=47 alunos), 2010 (N=53 alunos) e 2011 (N=49 alunos).

## 3. RESULTADOS

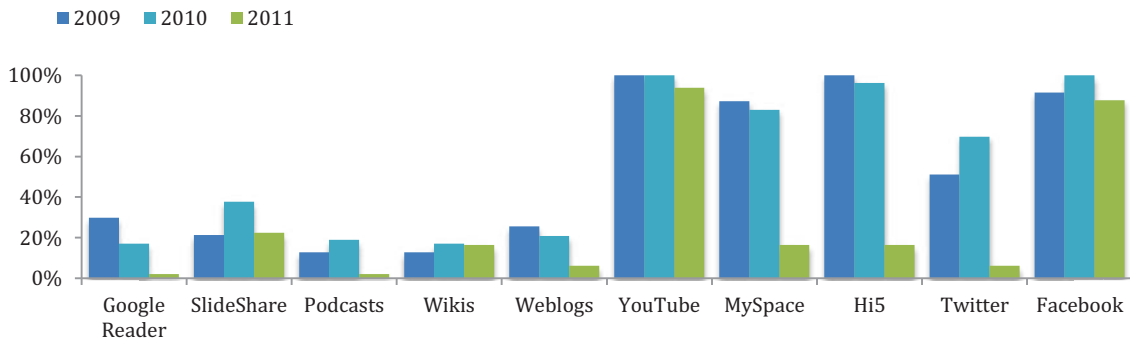
Apresenta-se, de seguida, a análise comparativa dos dados recolhidos, a partir do questionário realizado aos estudantes da UC nos três anos letivos.

### 3.1 Youtube e redes sociais: o *software* social mais usado pelos estudantes

As tecnologias sociais online que a maioria dos estudantes inquiridos dizem conhecer são o Youtube e as redes sociais, nomeadamente Facebook, MySpace, Hi5 e Twitter (gráfico nº 1). São também essas que os alunos, em geral, referem usar (gráfico nº 2), observando-se uma diferenciação nas redes sociais utilizadas pelos estudantes entre 2009 e 2011: enquanto que, em 2009, o Hi5 era usado pela maioria dos estudantes

(94%), em 2011 essa percentagem diminuiu para cerca de 16%, aumentando a percentagem de alunos a usarem o Facebook, de 47% para 88%.

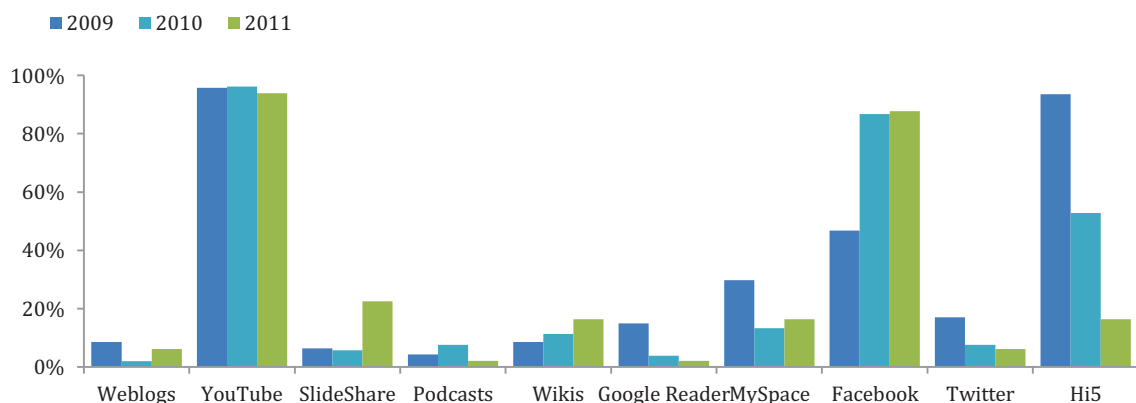
Gráfico nº 1 – *Software* social que os estudantes dizem conhecer



2009 (N=47), 2010 (N=53) e 2011 (N=49)

Os resultados estão em sintonia com os dados gerais de utilização dessas mesmas redes sociais ao longo dos últimos anos. Em janeiro de 2009, o *Facebook* tornou-se a rede social mais popular (McCann, 2009), ultrapassando o *MySpace* (Jesus, 2009). Entre os 2,9 milhões de utilizadores ativos em Portugal em 2009, 2,1 milhões de utilizadores criaram perfis em redes sociais. Em fevereiro desse mesmo ano, o *Facebook* registava cerca de 90 mil utilizadores em Portugal, incluindo os que migraram do *Hi5* (Lenhart, 2009a). De acordo com outro estudo (McCann, 2009), em março, o *Hi5* continuava a ser o *site* mais visitado em Portugal, com cerca de 3,2 milhões de perfis registados, e o *Facebook* registava apenas 400 mil utilizadores (uma percentagem consideravelmente superior aos 90 mil utilizadores em fevereiro).

Gráfico nº 2 – *Software* social que os estudantes costumam usar



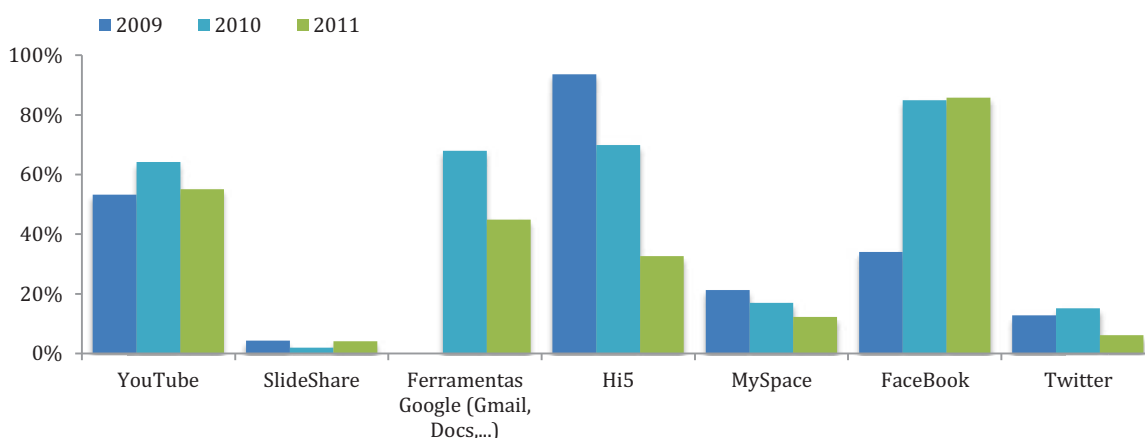
2009 (N=47), 2010 (N=53) e 2011 (N=49)

A utilização do MySpace diminuiu para menos de metade e o Twitter, apesar de ser conhecido entre os estudantes (mais de 50%) da UC em 2009 e 2010, não era utilizado pela esmagadora maioria.

Os Weblogs, apesar da sua utilização massiva nos últimos anos, especialmente em contexto educativo, não são referidos pela maioria dos estudantes como uma tecnologia social que conheçam ou usem, apresentando percentagens inferiores, por exemplo, ao SlideShare. Esta situação pode dever-se ao facto do SlideShare ser particularmente usado para a partilha das apresentações eletrónicas usadas no decorrer das atividades escolares.

Em termos de registo ou posse de um perfil em ferramentas de *software* social (gráfico nº 3), é dado privilégio às redes sociais, observando-se que a maioria dos estudantes em 2009 tinha perfil no Hi5, enquanto que o ano 2010 parece ter sido um ano de mudança da rede social usada, para o Facebook, usado pela maioria em 2011, o que vai ao encontro dos dados gerais de utilização destas redes sociais em Portugal, apresentados anteriormente.

Gráfico nº 3 – *Software* social em que os estudantes estão registados



2009 (N=47), 2010 (N=53) e 2011 (N=49)

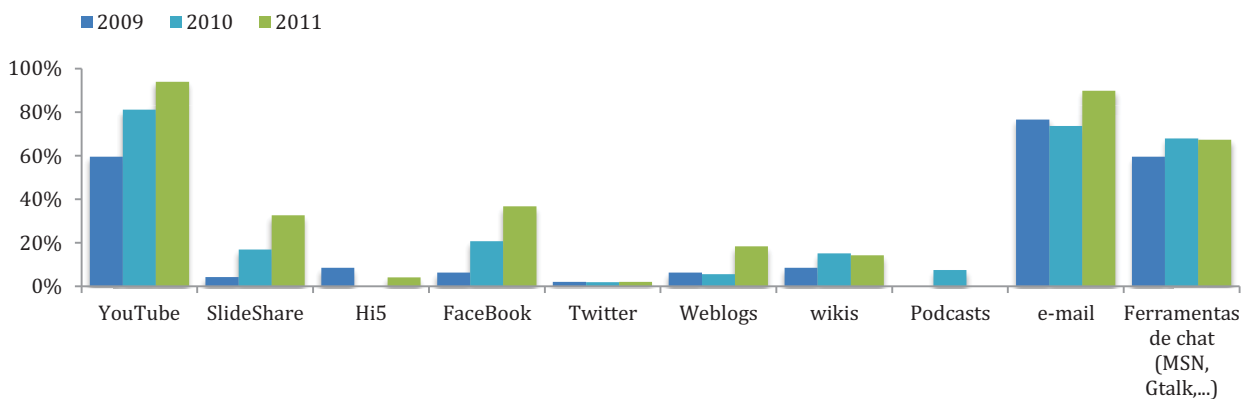
Apesar da esmagadora maioria referir usar o Youtube, apenas estão registados cerca de 55% dos alunos, situação que não se tem alterado ao longo dos três anos, o que

significa que apenas estes partilham e publicam vídeos online, sendo os restantes alunos considerados utilizadores passivos.

### 3.2 As redes sociais não são uma escolha no contexto educativo

As ferramentas online usadas pela maioria dos alunos em contextos e com objetivos educativos (gráfico nº 4) são o Youtube, o e-mail e as ferramentas de chat (MSN, Gtalk, entre outros). Observa-se o lento crescimento da utilização do Slideshare ao longo dos três anos, assim como do Facebook.

Gráfico nº 4 – Tecnologias sociais online usadas pelos estudantes em contextos e com objetivos educativos



2009 (N=47), 2010 (N=53) e 2011 (N=49)

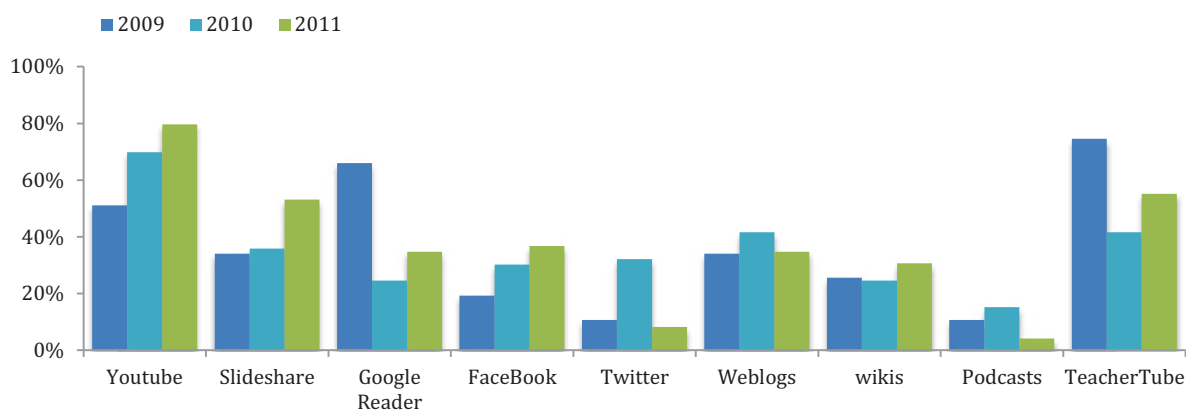
No entanto, weblogs, podcasts ou wikis não constituem tecnologias sociais usadas pela esmagadora maioria dos estudantes, pese embora os incentivos à sua utilização em contexto educativo, decorrentes das potencialidades que lhes são conhecidas em termos pedagógicos.

Com a crescente e massiva utilização das redes sociais, em larga expansão a partir do ano 2009, os weblogs perderam terreno no que respeita à partilha de informação e de conteúdos multimédia (McCann, 2009), o que em certa medida explica os resultados obtidos.

Quando inquiridos sobre as potencialidades de diversas tecnologias sociais online do ponto de vista pedagógico (gráfico nº 5), as opiniões dos estudantes dispersaram. Observa-se que a indicação dos weblogs e wikis apresenta maiores percentagens do que nas questões anteriores, ao contrário do que acontece para as redes sociais. O

Youtube continua no topo da lista, seguido do TeacherTube (talvez devido à designação).

Gráfico nº 5 – Tecnologias sociais online com maior potencial pedagógico na opinião dos estudantes



#### 4. CONCLUSÕES

Em jeito de conclusão, sublinha-se que, se por um lado, vários são os autores a sugerirem o potencial dos serviços da Web 2.0, no que diz respeito ao desenvolvimento de novas competências e atitudes valorizadas pela sociedade em geral; por outro lado, existem poucas provas empíricas de que as gerações atuais de aprendentes estejam inerentemente sintonizadas com as tecnologias e as atividades da Web 2.0, como alguns autores nos querem fazer crer (Selwyn, 2011).

Os resultados apresentados, recolhidos junto dos alunos do 2º ano do ensino superior, sublinham isso mesmo: a utilização de tecnologias sociais online e em rede pelos estudantes parece ser fracamente diversificada e realizada de modo passivo, uma vez que poucos são os estudantes registados nas aplicações usadas, ou seja, não partilham e publicam conteúdos online. O Youtube e as redes sociais são as aplicações de *software* social usadas pela maioria dos estudantes, provavelmente e especialmente para comunicarem e “estarem em contacto” e acederem à informação partilhada pelos seus grupos de contacto, o que no caso do Youtube poderá referir-se em grande parte a videoclips de músicas.

Estes dados enquadram-se no cenário retratado em diversos estudos realizados recentemente que revelam: i) poucas evidências de que a maioria das pessoas utilize as tecnologias sociais de formas especialmente participativas, interativas ou até



socializadoras; ii) as ferramentas e aplicações, na sua maioria e as que se encontram mais generalizadas, são geralmente apropriadas para consumo de conteúdos, de forma passiva (Selwyn, 2011) - o *Youtube* ou a *Wikipédia* são dois exemplos, nos quais a maioria dos utilizadores acedem aos conteúdos existentes e pouco (ou nada) contribuem com conteúdos adicionais ou reconfiguram os existentes; iii) a criação ativa de conteúdos é apenas realizada por cerca de 0.5% dos utilizadores (Arthur, 2006).

É preciso notar que estamos perante temáticas, situações e contextos bastante recentes, urgindo por isso a necessidade de desenvolver mais investigação neste domínio, por forma a avaliar os impactos e efeitos criados pela utilização das tecnologias sociais online e pelas atividades que daí decorrem.

## REFERÊNCIAS

- BARTOLOMÉ, A. (2008). A Web 2.0 e os novos paradigmas da aprendizagem. In *eLearning Papers*, nº. 8.
- HAMBURG, H. & HALL, T. (2008). A aprendizagem informal e o uso de Web 2.0 nas estratégias de formação das PME. In *eLearning Papers*, nº. 11.
- ILLICH, I. (1971). *Sociedade sem escolas*. Petrópolis: Ed. Vozes.
- JESUS, P. (2009). "As redes que nos unem". In Diário de Notícias: [http://dn.sapo.pt/inicio/interior.aspx?content\\_id=1172715](http://dn.sapo.pt/inicio/interior.aspx?content_id=1172715) (consultado em 15 de Fevereiro de 2009).
- LENHART, A. (2009a). "Adults and social network websites". In *Pew Internet*: [http://www.pewinternet.org/~media/Files/Reports/2009/PIP\\_Adult\\_social\\_networking\\_data\\_memo\\_FINAL.pdf](http://www.pewinternet.org/~media/Files/Reports/2009/PIP_Adult_social_networking_data_memo_FINAL.pdf) (consultado em Fevereiro de 2009).
- LUCKIN, R. (2008). *Learner's use of Web 2.0 technologies in and out of school in Key Stages 3 and 4*. Coventry: Becta.
- MCCANN, U. (2009). *Power to the people. Social media tracker*. In: <http://universalmccann.bitecp.com/wave4/Wave4.pdf> (consultado em Julho de 2009).

- MOTA, J. (2009). *Da Web 2.0 ao e-Learning 2.0: Aprender na Rede*. Dissertação de Mestrado (versão Online), Universidade Aberta: <http://orfeu.org/weblearning20/> (consultado em Julho de 2009).
- SELWYN, N. (2011). Em defesa da diferença digital: uma abordagem crítica sobre os desafios curriculares da web 2.0. *In* Dias, P. e Osório, A, (Orgs.) (2011). *Aprendizagem (In)Formal na Web Social*. Braga: Centro de Competência da Universidade do Minho.
- VIANA, J. (2009). *O papel dos ambientes on-line no desenvolvimento da aprendizagem informal*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.